A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

MARISA MARQUES BAPTISTA

RESUMO

Este estudo destinou-se a relatar sobre a participação efetiva e colaborativa dos pais na escola. Através deste, esperou-se promover a integração, troca de experiências, bem como atualização e discussões, sobre a importância e aproveitamento do mesmo. Neste sentido, a relação Escola & Família é imprescindível à melhoria dos índices, da qualidade em educação. Os objetivos desta pesquisa se pautam em descrever e esclarecer e ressaltar a família, como espaço de construção, da identidade dos cidadãos firmando parceria com a escola, para que juntas promoverem o desenvolvimento pleno da criança e do adolescente, é através dessa participação que se desenvolve a consciência social crítica e o sentido da cidadania para que juntos – Família & Escola – possam fazer da escola um espaço democrático. A metodologia utilizada foi de cunho bibliográfico descritivo e qualitativo. Assim, reconhecendo através deste artigo as múltiplas relações sociais, econômicas e políticas na formação de cidadãos críticos, participativos e construtores de uma sociedade mais responsável, justa, humana e fraterna.

Palavras-chave: Educação; Família; Participação; Parceria; Resultados positivos.

1.INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se pauta na valiosa importância da família, independentemente, da sua configuração na atuação e envolvimento na vida escolar, de seus filhos ou protegidos. No fim da Idade Média, o objetivo maior para a construção de uma família, eram por motivos de proteção da honra e da vida e da propriedade, conservação de bens, ajuda no cotidiano.

Nas sociedades antigas as famílias formavam-se sem qualquer tipo de relação afetiva. Muitos casamentos existiam apenas para sobrevivência do homem e da mulher, por manutenção de latifúndios, por falta de condições da família da mulher; geravam filhos e o vínculo era exclusivamente, para os mais novos aprenderem um ofício e prestar serviços.

O presente trabalho aborda a função educativa da família, trazendo uma revisão sobre os estudos acerca das práticas educativas parentais e da importância em pensar nas condições em que a família se encontra, observando os aspectos históricos culturais, desenvolvimento mentais e sociais. Em um contexto de tantas transformações na família é necessário a revisão de valores essenciais e de uma reafirmação do papel dos pais na dinâmica familiar, já que educar filhos é uma das tarefas mais complexas que compõe a função parental. Nessa perspectiva insere-se um conceito integrador chamado de "presença parental" que pretende delimitar o lugar e a função dos pais na educação dos filhos.

Os objetivos gerais desta pesquisa visam ressaltar, esclarecer e descrever a real importância da participação familiar

na educação escolarizada de seus filhos/tutelados.

Os objetivos específicos pretendem abordar e conhecer as expectativas dos pais em relação ao papel da escola na formação dos alunos; relacionar o ponto de vista dos pais, com algumas ideias de pensadores e pesquisadores sobre a família e sobre a relação família-escola.

Procurando verificar se reconhecem ou não o cenário de crise de valores e de autoridade; propor, a partir dos autores pesquisados, algumas sugestões de ações da escola junto à família, de forma a tornar a integração, entre essas duas instituições real e efetiva.

Justifica-se a escolha desta temática, diante da evasão escolar, do fracasso escolar e das dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. Pois, ainda afirmam não delegar à escola tarefas, como a formação de valores e o estímulo à disciplina.

Algumas sugestões foram elaboradas para que a escola desenvolva uma parceria efetiva com as famílias de seus alunos: estabelecer relações simétricas e de corresponsabilidade com os pais, oferecendo a eles espaços de reflexão sobre as questões que vivenciam com seus filhos.

A metodologia utilizada neste estudo é de cunho bibliográfico e por meio de artigos de revisão literária, sendo também descritiva e qualitativa, atribuindo maiores crenças e valores ao que foi lido, estudo e escrito.

2. UM BREVE RELATO HISTÓRICO

No fim da Idade Média, o objetivo maior para a construção de uma família, era por motivos de proteção da honra e da vida, conservação de bens, ajuda no cotidiano. Nas sociedades antigas as famílias formavam-se sem qualquer tipo de relação afetiva (MARTINS, 1993).

Muitos casamentos existiam apenas para sobrevivência do homem e da mulher, faziam filhos e o vínculo era exclusivamente para os mais novos aprenderem um ofício e prestar serviços (BARROS, 2000).

Não havia uma ligação profunda entre pais e filhos, a infância era reduzida, logo se misturava aos adultos, a fim de aprender desde cedo ofícios para a sobrevivência e continuidade da família. Não havia sentimento afetivo, somente a necessidade de preparar homens e mulheres para desempenhar papéis na sociedade (VICENTE, 1994).

A educação ficava garantida por outros adultos, os pais enviavam seus filhos para casas de outras pessoas, essas ficavam responsáveis pelo ensinamento dos menores ou preceptores. A criança aprendia o que precisava saber ajudando nas atividades domésticas e laborais (VICENTE, 1994, p. 72).

As mudanças surgiram a partir do fim do século XVII, quando a família começou a enxergar a criança como um ser dependente, e encontrar importância nela. O sentimento de amor brotou, juntamente o cuidado e preocupação em preservar a inocência de cada um (GOMES, 2003).

A partir daí a educação passada somente pela prática do cotidiano por estra-

nhos, foi substituída pelas escolas. De início somente os meninos das classes mais dominantes frequentavam as escolas, era uma educação machista, onde as meninas não eram aceitas, ficavam em casa com suas mães responsáveis pelos afazeres domésticos (VICENTE, 1994).

Logo, as crianças de origem mais humilde raramente eram alfabetizadas; nesse período a vida social, profissional e pessoal era vivida em público. O trabalho ou reuniões eram dentro de casas, visitas eram incessantes na casa um do outro, raramente se dormia sozinho, havia sempre outras pessoas no quarto; tudo se passava no mesmo ambiente que a família vivia (VICENTE, 1994).

Segundo Carvalho (1995), no século XVIII, a sociedade enxergou uma necessidade de separar a vida particular da vida profissional, com o objetivo de proteger a liberdade e a intimidade.

Com o passar dos anos, as meninas também ingressaram para as escolas, as crianças passaram a ser tratadas como centro da atenção, e seu desenvolvimento era de extrema importância, assim, as crianças passaram a ficar mais tempo nas escolas (CARVALHO, 1995).

2.1 Evolução da família

Considerado a afirmação de Kaloustian (1994), a sociedade passou por grandes transformações após a Revolução Industrial, o mercado de trabalho expandiu, e com a necessidade de ajudar com a manutenção da casa, as mulheres foram para o comércio trabalhar (mercado de trabalho), ficando grandes períodos ausentes de casa.

Logo, da criação e educação dos filhos; desde então o modelo de família tradicional foi desconstruída, nos tempos de hoje a sociedade é formada por diversas formações de família (KALOUSTIAN, 1994).

O que diante da sociedade moderna se tornou um fato normal, principalmente, pelas novas resoluções que a família tomou nas últimas quatro décadas (MARTINS, 1993).

2.2 Realidade atual

Se nos tempos passados, os pais eram responsáveis pela educação e valores dos filhos e a escola era necessidade, para profissionalização, ou, uma escolha, hoje em dia, a educação é um direito de todos, conforme a Constituição

Federal de 1988 (BRASIL, 1988), em seu artigo 205. “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com colaboração da Sociedade”.

Durante um longo tempo, a instituição escolar era respeitada e tinha total apoio e respeito pelos pais. Hoje em dia observa-se uma grande mudança, nas atitudes e pensamentos dos adultos, relacionadas às ações realizadas dentro da escola para sua melhoria contínua (CORTELLA, 2016).

Com os responsáveis trabalhando, com grandes cargas horárias, a ausência na educação familiar, regida pelos princípios, bons costumes, etiqueta, valores indissolúveis, em qualquer sociedade organizada; é inevitável, a falta de comprometimento da família e respectivamente, do aluno; e com isso o apoio que a escola deve receber da família, com a formação dos alunos não acontece, trazendo consequências, muitas vezes irreparáveis (GO-

MIDE, 2005).

É comum ouvir situações de alunos com problemas de indisciplina, dificuldades de aprendizagem, vandalismo, entre outros. Problemas esses, que podem ser amenizados, se a escola e a família trabalharem juntos, porém, no contexto atual, a escola culpa a família e a família culpa a escola (GOMIDE, 2005, p. 79).

Para Reis (2009), refere-se a um desequilíbrio social e familiar, onde cada família e cada aluno têm seu próprio ritmo. A maioria dos pais está perdendo a autoridade e o controle sobre os filhos, não conseguem impor limites. Por outro lado, vê-se ainda, pais exigentes e rígidos demais com os filhos.

Ambas as atitudes trazem problemáticas e dificuldades para o desenvolvimento, das crianças e adolescentes, quando há excesso em alguma situação, o resultado não é o melhor, deve-se buscar equilíbrio nas relações (REIS, 2009).

Os pais colocam os filhos nas escolas, e/ou em aulas complementares, e buscam saciar o vazio da presença deles com essas opções. Porém não basta preencher o tempo dos filhos com atividades somente, é necessário diálogo, construir boas relações, já que a "família é a influência mais poderosa para o desenvolvimento e o caráter das pessoas" (KALOUSTIAN, 1994, p. 47). Sendo assim outros autores citam:

Com a necessidade de ausentar-se do lar, as famílias colocam as crianças em creches e escolas, os pequenos começam a ir à escola precocemente, o que pode favorecê-las ou não, isso, depende do acompanhamento familiar e escolar realizado (JARDIM, 2006, p.20).

A sociedade mudou, e ambas precisam acompanhar essas mudanças de maneira conjunta, ajudando um ao outro, na busca do mesmo objetivo, educar as crianças. No que diz respeito ao direito à educação, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), em seu artigo 53 diz:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (ECA, BRASIL, 1990), artigo 53).

É de grande importância que os familiares e a comunidade, sejam orientados pela escola, para que a tentativa de um bom ensino e educação seja realizada com êxito.

A escola deve promover iniciativas para atraírem a família ao universo escolar, alertando e orientando. Tais como:

a) programas educacionais direcionados aos pais de alunos;

b) comunicação consistente com professores e outros profissionais da escola;

c) envolvimento direto dos pais nas atividades escolares; d) envolvimento dos pais em atividades educativas desenvolvidas em casa;

e) envolvimento dos pais nas decisões da escola. O envolvimento das famílias nestas atividades, no entanto, não assegura o estabelecimento de uma real parceria (JARDIM, 2006, p. 172).

Como foi mencionado anteriormente, colaboração é mais do que envolvimento dos pais, em atividades escolares,

e acima de tudo, uma atitude da escola. Por conseguinte, é possível que a escola envolva os pais em suas atividades sem tratá-los, no entanto, como parceiros e colaboradores.

A seguir, algumas ideais que poderão incentivar e promover uma real colaboração entre famílias e escolas serão apresentadas. Buscando parceria com boa comunicação com quem mais importa na vida dos alunos, juntos transformando a realidade de todos.

Falta diálogo, afetividade, atenção, carinho, respeito. Grande parte dos alunos chegam ao ambiente escolar, com uma ausência de sentimentos e orientações, que devem vir por parte dos familiares. Os professores por sua vez, tentam no decorrer das aulas suprir um pouco dessa carência, ficando cada vez mais sobrecarregados e exaustos.

A família do ponto de vista do indivíduo e da cultura é um grupo tão importante que, na sua ausência, dizemos que a criança ou adolescente precisa de "família substituta ou devem ser abrigados em uma instituição que cumpra as funções materna e paterna, isto é, as funções de cuidados para a posterior participação na coletividade (BOCK, 2004, p. 249).

Os maiores desafios da escola, junto aos educadores, são tornar a educação atraente, ou como incluir a tecnologia nas aulas, e até mesmo ou mais importante, como resgatar a participação dos pais na vida escolar dos alunos.

Participar da vida dos filhos, não é somente arcar com as despesas e necessidades financeiras, e sim, cuidado, amor, atenção, diálogo, trabalhar limites e valores desde muito cedo. Com o passar dos anos se os pais continuarem impotentes em relação a isso, mais dificultoso e trabalhoso será para resgatar ou impor tais valores. Portanto, Cortella (2016), afirma:

O pai e a mãe têm que saber que ele ou ela é a autoridade. Ao abrir mão disso, há um custo. Quem se subordina a crianças e jovens, e têm sobre eles alguma responsabilidade, está sendo leviano (CORTELLA, 2016).

A realidade de hoje em dia mudou, e com isso a família também. A sociedade capitalista exige condições financeiras cada vez melhores, logo, pais e/ ou responsáveis necessitam sair praticamente, o dia todo para seus empregos, estudos, a fim de garantir o melhor para a família.

As mudanças necessárias, são diálogo no núcleo familiar e social, integrando pais e filhos, sendo que, esta é considerada a incubadora, onde são forjados o caráter, o comportamento e os demais valores e princípios são formados. Sendo assim, que a família é a primeira escola da criança e objetiva seu bem-estar físico, psicológico, social, afetivo e moral. Essas são algumas ações, para que a escola e a família sejam efetivas e eficazes (WAGNER, 2018).

2.3 Substitutos dos pais

Com o passar do tempo, rotinas complicadas e exigentes, faz com que os pais se ausentem, ainda mais da vida dos filhos. Substituindo a presença familiar por outras opções que são insuficientes. Portanto, o conjunto de afetividade vinda de casa, afeta a educação positivamente ou não.

Grande parte da população, é muito

corriqueiro, que as crianças fiquem com avós, tios, babá ou alguém que os pais confiem, os cuidados dos filhos, enquanto, os mesmos não retornam para seus lares.

Nesse meio tempo, com a falta de planejamento familiar, a tecnologia toma conta dos filhos, com um avanço muito rápido. Computador, tablet, televisão, celular, vídeo- game, entram na vida das crianças em uma velocidade tão grande, que quando os pais percebem, já foram dominados pelo vício, afastando mais ainda o vínculo entre os membros da casa.

Com sua popularização, ocorrida por volta de 1995, a internet saiu dos laboratórios universitários e adentrou empresas e lares. Para ser mais preciso, invadiu o cotidiano de milhões de pessoas no mundo. (REIS, 2009, p. 31).

Sabendo que os professores são responsáveis pelo desenvolvimento, aprendizado, formação de opiniões dos alunos, é de extrema importância que haja incentivo por parte dos responsáveis para com os estudos.

2.4 A trajetória de vida da criança e do adolescente

Escola & família constituem dois contextos de desenvolvimento fundamentais para a trajetória de vida da criança e do adolescente. Neste artigo, são destacadas as contribuições destes contextos para a promoção do desenvolvimento humano, enfatizando suas implicações nos processos evolutivos. Questões sobre configurações, vínculos familiares e a importância da rede social de apoio para o desenvolvimento da família são discutidas. Focalizando as funções da escola, e considerando as suas influências nas pessoas em desenvolvimento.

Apontam-se algumas considerações sobre a necessidade de compreender as inter-relações entre escola e família, visando facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento humano. A integração entre esses dois contextos é destacada como desafio para a prática profissional e pesquisa empírica.

A família pode ser considerada o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento da criança, surgindo como o mais poderoso sistema de socialização para um desenvolvimento saudável, e as interações estabelecidas no microssistema familiar são as que trazem implicações mais significativas para o desenvolvimento da criança, embora outros sistemas sociais (ex.: escola, local de trabalho dos genitores, clube) também contribuem. Aiello, A. L. R. (2005).

A grande maioria das crianças experiencia com a família as primeiras situações de aprendizagem e a introdução de padrões, de normas e valores sociais. E se a família não estiver funcionando adequadamente às interações, principalmente os pais com filhos na sociedade, esses serão prejudicados.

Dessa forma a família é concebida como o primeiro sistema no qual um padrão de atividades de papéis e relações interpessoais são vivenciados pela pessoa em seu desenvolvimento, cujas trocas dão base para estudo de desenvolvimento do indivíduo (ROMANELLI, 2015).

Portanto essa visão permite perceber que a criança desenvolve relacionamentos não apenas com a mãe, mas também com outros agentes sociais como;

pai, avós e irmãos. Sendo que tais relacionamentos é de grande importância no universo infantil, e em suas várias áreas. Portanto descrevemos o valor que a família tem no espaço de socialização infantil, pois se constitui em ser mediadora na relação entre a criança e a sociedade.

3. FAMÍLIA E ESCOLA

O incentivo também se faz presente em participar, ser ativo na vida dos filhos, ter interesse no que está sendo produzido em sala de aula, valorizar os conhecimentos adquiridos, apoiar no que for possível, ou seja, a interação de todos é necessária para a formação de cada indivíduo (ROMANELLI, 2015).

A formação da família e as experiências vividas desde a infância deixam marcas no psiquismo humano, por isso o tamanho da importância em desenvolver junto aos filhos experiências positivas, valores, exemplos. Quanto mais ricas as interações, melhor será o desenvolvimento de cada criança.

Os filhos copiam o modelo fornecido por seus pais porque gostam deles e os admiram. Esse processo acontece mediante a observação. Essa atitude de observar a postura dos pais diante de várias situações é que fará a diferença na postura da criança perante sua rotina, inclusive sua rotina escolar (GOMIDE, 2005, p. 79).

Se por um lado os pais devem ser presentes e participativos na vida dos filhos, por outro a escola deve ser além de um espaço de aprendizado, um local em que os alunos se sintam abraçados, compreendidos, como seres humanos. A formação de cada indivíduo para ser exercida com êxito, deve haver parceria entre família e escola.

Portanto, a escola necessita disponibilizar métodos e acessos; eventos que podem atrair a família, como a organização de eventos para toda a família na escola.

Feiras do livro, exposições, quadrilhas juninas, programas de Páscoa ou Natal, entre outros mil exemplos possíveis são alguns dos tipos de eventos que podem fazer com que os pais estejam em sua escola. Assim eles podem se integrar ao ambiente escolar, conhecer os professores e outros pais, e entenderem aspectos importantes da rotina do filho. Os estudantes ficam mais empolgados ao realizarem trabalhos melhores quando entendem que eles serão compartilhados com os pais. Aproveite os diferentes tipos de talentos que os estudantes possuem para mostrá-los. Isso vai motivá-los a crescerem e vai fazer com que os pais se sintam bem em participar do ambiente escolar. Os eventos também são uma ótima oportunidade para que os pais estejam por dentro do universo dos seus filhos, e para que estreitem laços com os colaboradores (MARTINS (a), 2007, p. 19).

Para que essa tão sonhada prática da parceria seja realizada. Formar cidadãos pensantes, conscientes em relação ao mundo e a sociedade em que vivemos, é de suma importância. Daí a necessidade da participação de todos, lutar por um mundo melhor.

A função da escola é a escolarização: é o ensino, a formação social, a construção da cidadania, a experiência científica e responsabilidade social. Mas quem faz a educação é a família (CORTELLA,

2016).

Em família deve-se ensinar o ganhar e o perder, é essencial para a vida. Participar das lições e trabalhos de casa, além do conhecimento sobre o que o filho está aprendendo, desperta também a proximidade, atenção, carinho que muitos sentem falta (PETRINI, 2003)

Rotinas necessitam ser estabelecidas empela família: tempo para se alimentar, brincar, estudar, descansar. Conversas entre os membros da família devem fazer parte da rotina, assim como expressões de afeto, mesmo porque quando a criança chega à escola com bons hábitos e valores, o trabalho do professor junto da escola, flui com mais facilidade e se torna ainda mais eficaz (SARTI, 1996).

Para Yasbek (2003), estudioso da família e seus comportamentos sociais; a escola e a família devem trabalhar como uma equipe, colaborando e agindo em parceria, melhorando assim o rendimento escolar dos estudantes. Conhecer o perfil de cada família e a história de vida dos alunos traz informações importantes que auxiliam no desenvolvimento e planejamento particular de cada estudante.

Utilizar as reuniões, festas, apresentações de trabalhos, ou qualquer outro evento escolar, é sempre uma oportunidade para que haja comunicação necessária para estimular essa ideia de interação entre pais e escola. Identificar problemas, checar resultados, firmar parcerias, conscientizar familiares, são algumas das funções que essas reuniões disponibilizam e são importantes para todos (YASBEK, 2003).

Reis (2009), considera que, os professores, gestores e funcionários; enfim, todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem; devem deixar claro, o que é fundamental essa parceria, e cada um assumir seu papel, com os menores que mais necessitam. Cada um tem sua responsabilidade na formação da educação dos indivíduos, assim, direitos e deveres precisam ser claramente definidos e entendidos.

Sonhamos com que todas as crianças cheguem à escola com valores excelentes, pais ativos na vida escolar, auxiliando, cooperando. Mas na prática sabemos que ainda não atingimos esse nível de educação. De qualquer forma, devemos estimular e conscientizar para que esse paradigma seja concretizado algum dia (REIS, 2009, p. 42).

Num todo é necessário sempre perguntar a todos envolvidos na educação do outro, se esperam preparar cidadãos apenas para provas, algo mecânico, ou esperam preparar cidadãos para a vida, completos? Devemos rever as prioridades o tempo todo.

3.1 A importância da educação para a sociedade

Oportunizar e construir uma cultura de base comum, de crescimento e de desenvolvimento básico, que todos têm direito e que demanda, em meio a alunos diferentes, que apresentem domínios culturais diferentes, ou ainda, pedagogias diferenciadas permitindo que cada qual possa ser mais e melhor do que já é (PETRINI, 2003).

É de necessidade e prioridade uma escola justa, por um lado, aquela que trabalhasse a favor da equidade, isto é,

promovesse a discriminação positiva procurando beneficiar com mais e melhores recursos, com ajuda específica, aqueles que têm menos e/ou apresentam maiores dificuldades (BOCK, 2001).

Potencializando, a escola e a família, por suposto, suas capacidades em exercer a liberdade e, por outro lado, haverá maior igualdade, entre as classes sociais; e, uma escola que promove a socialização de todos e a singularização de cada um (JARDIM, 2006).

De modo particular, coloca-se em relevo seu potencial em termos de capacidade de articulação, com o desafio posto à minimização das desigualdades geradas em outras esferas da vida social, quais sejam, de condições de vida, de emprego, de saúde, enfim, das múltiplas carências objetivas que assolam os mais desfavorecidos socialmente (YASBEK, 2003).

3.2 As práticas educativas e a família

A configuração da interação da educação dos pais com seus filhos são cruciais para a promoção de comportamentos socialmente adequados, como para comportamentos considerados pelos pais e/ou professores, que também é avaliado os inadequados os quais são entendidos como “déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam uma interação da criança com pares e adultos de sua convivência” (SILVA, p, 1, 2000).

A escola também influencia significativamente, o comportamento infantil e a contribuição de várias maneiras para a formação do indivíduo por meio do desenvolvimento de comportamentos, habilidades e valores. Junto ao ambiente doméstico, o contexto escolar configura-se um dos principais ambientes na vida da criança, para que o resultado, seja percebido pelos pais e educadores como comportamento adaptativo ou desadaptativo (JARDIM, 2006).

O papel da família é crucial para o desenvolvimento de comportamentos sociais na infância e adolescência, já que é no seu seio que a criança terá as primeiras experiências de contacto social e desenvolverá modelos relacionais. Por outras palavras, é na família que a criança tem oportunidade de aprender e ensaiar interações sociais, pelas quais sendo reforçada ou punida poderá identificar os comportamentos que são mais e menos aceitáveis no futuro (PETRINI, 2003).

Os elementos da família, em especial os filhos, encaram a necessidade de abertura a novos laços e relações, tendo de se confrontar com uma maior diversidade de papéis, normas familiares e culturais. Paralelamente a aparente escalada de comportamentos antissociais, definidos como comportamentos que violam normas sociais destinam-se à promoção do respeito e consideração pelos outros, pela sua propriedade na adolescência e sua crescente mediação, levamnos a refletir sobre o potencial efeito da família e de todos os desafios que enfrentam nesta mesma conduta (YASBEK, 2003).

4. INTERVENÇÕES RELACIONADAS À FAMILIA

Este item 4 se trata de reflexões do autor desta pesquisa. À luz razão dos esclarecimentos deste trabalho, reside no fato de que, a família quer delegar à

escola, a tarefa do processo de educar, se distanciando cada vez mais, de seu papel, sendo a participação do núcleo familiar fator decisivo, para a formação do sujeito e das implicações deste, na sociedade.

A família é a principal instituição social, é a "célula Mater" da sociedade. No entanto, a família tradicional nuclear patriarcal está se tornando cada vez mais rara, pois a cultura é dinâmica e sendo assim está sempre em constante transformações sociais, atualizações políticas e econômicas, que repercute diretamente na estruturação da família, favorecendo o surgimento de novas formas de organização familiar.

Estas novas formas de organização, igualmente legitimas, fazem surgir também novas demandas, as quais os pais devem estar capacitados para atuar através das suas experiências. Sendo assim, escola e família devem estar integradas e sintonizadas, com a proposta pedagógica, bem como, com suas intervenções.

O núcleo familiar dentro de suas condições, precisa participar mais ativamente, de todos os processos pedagógicos, devendo valorizar este vínculo, não somente por obrigação ou conveniência, como por exemplo através das

"chamadas de reuniões" e entrega de notas, mas, também para sugerir, opinar, questionar e indagar através da gestão democrática escolar.

Esta prática possibilita a construção de novas propostas adequadas, pois estas podem e devem estar sujeitas a constantes atualizações, de acordo com o surgimento de novas demandas, repercutindo individual e socialmente no alunado e na própria instituição (ROMANELLI, 2015).

No entanto, observa-se que esta responsabilidade que deveria ser compartilhada, vem sendo delegada demasiadamente, à escola, como se o ensino escolar pudesse dar conta de toda a dinâmica educacional, como o próprio nome sugere, diante de suas intervenções. Deve o núcleo familiar ter responsabilidade e participação ativa de todo o processo pedagógico, portanto, valorizar este vínculo (ROMANELLI, 2015).

A intervenção escolar deve ser assertiva, diretiva e eficaz, estabelecendo através do conhecimento do trabalho de campo, o conhecimento das deficiências e carências daquela família e a partir disto, trabalhar com os recursos disponíveis, se apropriando daquela realidade específica e de suas transformações, adequando suas atividades à dinâmica que se apresenta.

Para este fim a família deve planejar intervenções no intuito de apropriar-

se do imaginário que perpassa nas famílias acerca das funções e responsabilidades atribuídas à escola, bem como elucidar acerca do papel da instituição como facilitadora e responsável por esta parceria, objetivando o sucesso e melhoria da qualidade de vida educacional do aluno (ROMANELLI, 2015).

Planejar intervenções que se apropriem da realidade da família, visto que cada família possui suas peculiaridades, não existindo, portanto, uma metodologia pronta e acabada para todas as famílias, mas intervenções apropriadas a realidade de cada escola e família

Promover um trabalho de cons-

cientização junto aos professores sobre a necessidade da criação de um vínculo mais significativo entre pais e mestres, facilitando a criação de estratégias de orientação aos pais e elucidando a dinâmica do trabalho com os alunos em sala de aula, de modo a proporcionar a extensão deste trabalho em casa (ROMANELLI, 2015).

O objetivo intensivo. desta proposta é quebrar o paradigma, de que pais somente devem manter contato com a escola, apenas nas reuniões escolares, ou, quando o aluno/filho apresenta rendimento escolar insatisfatório.

4.1 A família promotora de desenvolvimento

Nas interações familiares há padrões comportamentais de hábitos, de atitudes e de linguagens, onde o uso de valores e costumes são transmitidos diante da subjetividade, da personalidade e da identidade, que também tem sua evolução.

Com base no que foi exposto, fica evidente a relevância da identificação de variáveis da família e sua influência sobre o desenvolvimento das crianças, posto que pode permitir a compreensão da dinâmica familiar bem como a especificidade do processo de desenvolvimento dos indivíduos. Tal identificação oferece também a possibilidade de se delinear intervenções favorecendo assim um adequado desenvolvimento.

Considerando diferentes aportes teóricos, atribuir à família caráter de sistema complexo, composto por variáveis em seus subsistemas, cuja qualidade das interações depende de coesão, e a adaptabilidade se monstra essencial, assim como a apreciação do papel dos fatores culturais.

Da mesma forma, conhecer quais fatores de risco operam na diminuição da probabilidade da criança de se tornar competente, e ter senso de bem-estar, onde terá aumento das probabilidades de ocorrência de resultados negativos e indesejáveis, sendo este então parte do processo de conhecimento da família e do desenvolvimento da criança, e parte disso é a descrição dos fatores de proteção, que têm servido ou podem vir a servir como barreira contra o impactos dos fatores de riscos e aumentar as possibilidades da criança tornar-se competente e ter senso de bem-estar (WAGNER, 2018).

Não se pode deixar de incluir neste artigo, alguns resultados de outros estudos. Percebe-se que vem diminuindo o apoio referente à atividade de ser mãe ou pai, onde os irmãos mais velhos têm maiores chances de assumir o papel de ajudantes de seus irmãos que apresentem déficit de aprendizagem, pois os níveis educacionais e socioeconômicos, podem influenciar no comportamento dos pais quando em interação com seus filhos que apresentam essa necessidade.

O número elevado de adversidades e poucos recursos podem contribuir para a vulnerabilidade das crianças, dificultando o ajustamento escolar. Portanto, faz-se necessário aperfeiçoar recursos do ambiente domiciliar, para crianças com problemas no desenvolvimento escolar, tendo as intervenções programadas que podem ser eficazes e aprimorar às práticas educativas parentais e com isso expandir as redes sociais de outras famílias com essa realidade, tornando-se um fator protetor para o surgimento de problemas de comportamento infantil (WAGNER,

2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que a desigualdade tem raízes políticas e econômicas concretas, aqui registra-se um desafio para a construção de políticas públicas que, uma vez articuladas, desaguassem na superação da 'pobreza' do Estado e da organização e do funcionamento da sociedade, em especial quanto à garantia dos direitos de seus cidadãos, sendo que uma das maiores de mandas sociais de fracasso escolar é a ausência da família na escola (JARDIM, 2006).

Esse processo, malgrado outras possibilidades, não se fará sem a participação e, da formação daqueles e daquelas a quem se destinam essas políticas. Sem querer minimizar o tratamento central que deve ser dado à articulação dessas políticas, centra-se no esforço no sentido de identificar o significado dessa perspectiva para a formação de professores.

Antes, porém, faz-se necessário refletir sobre alguns traços contextuais de nossa realidade, sobre o sentido social de uma educação para e na democracia. Assim, pondera-se sobre as margens que situam nosso argumento neste artigo. As políticas públicas e os esforços que vêm sendo empreendidos, no sentido de garantir o sucesso escolar, podem assegurar um melhor rendimento no que tange às expectativas de êxito em relação a determinadas prescrições curriculares. Todavia, são insuficientes para dar conta da necessidade de uma educação consoante a uma sociedade democrática. Tratase de pensar para além do critério do mérito, ou mesmo do caráter instrumental do conhecimento.

A primeira vivência do ser humano acontece em família, independentemente de sua vontade ou da constituição desta. É a família que lhe dá nome e sobrenome, que determina sua estratificação social, que lhe concede o biótipo específico de sua raça, e que o faz sentir, ou não, membro aceito pela mesma. Portanto, a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança

A família e a escola são parceiros fundamentais no desenvolvimento de ações que favoreceram o sucesso escolar e social das crianças, formando uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Este texto procurou sistematizar algumas características de famílias que se mostram capazes de promover o desenvolvimento de seus membros considerando a família como "outro" na zona de desenvolvimento proximal do sujeito. O texto assinala ainda, outras características a serem consideradas no diagnóstico dos problemas de aprendizagem quando consideramos a dinâmica complexa do desenvolvimento como categoria para compreensão e intervenção tanto nos problemas de aprendizagem, quanto na organização de situações de aprendizagem.

O papel da família é crucial para o desenvolvimento de comportamentos sociais na infância e adolescência, já que é no seu seio que a criança terá as primeiras experiências de contato social e desenvolverá modelos relacionais. Por outras pala-

vras, é na família que a criança tem oportunidade de aprender e ensaiar interações sociais, pelas quais, sendo reforçada ou punida, poderá identificar os comportamentos que são mais e menos aceitáveis no futuro.

O estudo da família no âmbito dos comportamentos sociais é, pois, um elemento chave para compreender fenômenos como os comportamentos antissociais na adolescência. Um período de desenvolvimento em que a relação entre os pais e de liberdade para exploração da autonomia dos filhos tem sua influência, levando o conhecimento de estudantes e aprimorando também os profissionais voltados para educação.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIELLO, A. L. R. (2005). Instrumentos para avaliação do ambiente familiar visando à inclusão. CD de Resumos da 57ª Reunião Anual da SBPC, Fortaleza, CE, 2005.

BARROS, RP, Henriques R & Mendonça R 2000b. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. Revista Brasileira de Ciências Sociais 15(42):123-142. 2000 BOCK, Ana Merces Bahia. Uma introdução ao estudo de psicologia (2001)

BRASIL 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8.069/90. Ministério da Justiça, Brasília, DF, 1990.

CARVALHO, MCB 1995. A priorização da família na agenda da política social. pp. 11-21. In MCB Carvalho (org.). A família contemporânea em debate. Ed. Cortez, São Paulo, 1995.

CORTELLA, Mario Sergio. Não é só a educação dos filhos que é necessária, mas a dos pais também/revistacrescer.globo.com-09/11/2016, 2021.

GOMES, MA 2003. Filhos de ninguém? Um estudo das representações sociais sobre família de adolescentes em situação de rua. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2003.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. 5ª edição. Pais Presentes, Pais Ausentes. P.

79. Vozes. (p. 79). Vozes. Rio de Janeiro, 2005.

JARDIM, A. P. Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem. Unoeste. Presidente Prudente, 2006.

KALOUSTIAN SM & Ferrari M. Introdução, pp. 11-15. In SM Kaloustian

(org.). Família brasileira, a base de tudo. Ed. Cortez-Unicef, São PauloBrasília, 1994.

MARTINS, Marcelo B. (a) A participação da sociedade no espaço escolar: reconhecimento das diferenças nas singularidades. 2007. Disponível em: Acesso em: 1 dez. 2021.

_____. JS (org.) 1993. (b) O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil. (2ª ed.). Ed. Hucitec, São Paulo, 1993/2016. PETRINI, JC. Pós-modernidade e família. Ed. Edusc. Bauru, 2003/2017.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. IN: Carvalho, M. Família contemporânea em debate. EDUC/ Cortez São Paulo, 2015. REIS, Risolene Pereira. In: Mundo Jovem. São Paulo. Fev. 2009